

JULIETTE OU A LIBERTINAGEM FEMININA*

JULIETTE OR FEMALE LIBERTINAGE

Elizângela Inocência Mattos**

RESUMO

Na obra do Marquês de Sade, a personagem Juliette representa o êxito de um espírito livre em oposição as desavenças da virtude vividas por sua irmã, Justine. Ao tomar o vício como elemento constituinte da vida humana, realiza o intento em demonstrar como o egoísmo caracteriza suas aspirações, operando nela a libertinagem. O propósito do presente texto é discutir como a libertinagem ocorre em Juliette, sob a hipótese de que a possibilidade de um espírito livre não depende do gênero, mas da capacidade e do alcance de cada um a partir da própria característica e dose de energia. Ademais, a mulher colocada no centro da realização libertina reforça a subversão operada pelo autor quanto ao lugar de homens e mulheres na realização da libertinagem, enfatizando a natureza como causa eficiente de suas próprias obras. A figura feminina em Sade tanto em Juliette como nas instrutoras mulheres dessa narrativa, demonstram o êxito da libertinagem nelas, retirando da mulher o lugar subalterno e virtuoso da sociedade de seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Libertinagem; Juliette; feminino; energia; natureza.

ABSTRACT

In the work of the Marquis de Sade, the character Juliette represents the success of a free spirit in opposition to the disagreements of virtue experienced by her sister, Justine. By taking vice as a constituent element of human life, she demonstrates how selfishness characterises her aspirations, leading to debauchery. The purpose of this text is to discuss how libertinism occurs in Juliette, under the hypothesis that the possibility of a free spirit does not depend on gender, but on the capacity and scope of each person based on their own characteristics and dose of energy. Furthermore, the woman placed at the centre of the libertine performance reinforces the subversion operated by the author regarding the place of men and women in the performance of libertinism, emphasising nature as the efficient cause of his own works. The female figure in Sade, both Juliette and the female instructors in this narrative, demonstrate the success of libertinism in them, removing women from their subordinate and virtuous place in the society of their time.

KEYWORDS: Libertinage; Juliette; feminine; energy; nature.

* Artigo recebido em 16/02/2025 e aprovado para publicação em 07/04/2025.

** Doutora em filosofia pela UFSCAR. Professora na Universidade Federal do Tocantins e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Email: elizangelamattos@uft.edu.br.

INTRODUÇÃO

A obra do Marquês de Sade compreende um desafio permanente aos seus leitores e estudiosos da obra. A cada leitura é possível apreender um elemento de ruptura e confluência, o que confirma sua importância na história do pensamento humano. Na obra *História de Juliette*, descreve (em mais uma de suas obras de formação, em conjunto com *A Filosofia na Alcova*) o processo de instrução da jovem Juliette que, em uma relação de confluência com sua irmã Justine, demonstram na obra os artifícios morais e seus efeitos, bem como da ideia de energia como constituinte de cada ser para então possibilitar o movimento de seu corpo, se adepto aos ditames do vício ou devoto aos valores morais e religiosos.

A presente exposição se propõe tratar da libertinagem feminina, precisamente na figura de Juliette que, contrariamente à irmã, teve êxito no projeto pedagógico empreendido e por isso encontrou nela a realização para sua existência de prosperidade. Ao compor o grupo libertino, Juliette se insere no grupo de *iguais* que, sem entraves entre si, primam pelo *tudo dizer* e pelo *tudo fazer* como condição de existência. Desse *tudo*, compreende também a força do excesso como condição de existência, pois a conduta libertina atua com veemência em romper com as arbitrariedades sociais e religiosas, reivindicando primordialmente as manifestações da natureza.

No verbete “libertinagem” do *Dicionário Europeu das Luzes*, Jean-Christophe (Abramovici 1997, p. 648, tradução nossa) escreveu que:

A libertinagem realmente se torna uma exigência impossível, se uma elite intelectual o tivesse conseguido no início do século XVII. Alegando serem “libertinos” na sua luta contra a normalização da moralidade, os equívocos dos seus adversários rapidamente multiplicaram conotações pejorativas em torno deste paradigma.

Quem seria efetivamente o libertino? O espírito livre, absorto em si mesmo e alheio aos preceitos da moralidade vigente. No grupo de *iguais*, Juliette combate a norma estabelecida em nome da liberdade de ser e de se mover em nome dos próprios interesses. Em um ensaio emblemático, Raymond Trousson descreve o sentido de libertino na literatura francesa e suas nuances, enfatizado seu elemento constituinte.

Seja como for, a libertinagem, não importa a forma em que se apresente, conserva algo de transgressivo – o libertino só se realiza ao infringir princípios que supostamente assegurariam o bom funcionamento da sociedade. Mesmo reduzida à emancipação sexual, à impudência dos costumes, ela permanece um empreendimento de libertação, nem que seja pela realibertação do prazer contra as proibições: libertinos e libertários se juntam (Trousson, 1996a, p.167).

Mais ainda, os libertinos seriam os membros da elite e portanto, sem restrições econômicas para seus propósitos. Eis de início um ponto onde Juliette rompe com essa característica, pois ela não é abastada economicamente como, por exemplo, os libertinos do castelo de *Os 120 dias de Sodoma*. Ela busca a prosperidade, ela se torna uma mulher exitosa ao acumular riqueza ao longo da vida, pois estaria nisso o seu propósito. Sob esse aspecto, o fato de ser mulher e reconhecer no próprio corpo o lugar de realização de seus objetivos, ela se difere dos demais, pois “como mulher, ela possui, na sociedade, um valor de uso e um valor de troca reconhecidos, que a tornam uma mercadoria. Juliette é profundamente moderna na medida em que é um sujeito-mercadoria” (Marty, 2011, p. 343, tradução nossa).

Em representar a mulher moderna, demonstra que os usos de si são decorrentes de sua própria decisão, destituindo uma superioridade de gênero, ao passo que implementa na narrativa a mulher que decide por si mesma em nome dos próprios interesses.

O presente texto visa, desse modo, elucidar a libertinagem de Juliette como a ênfase dada por Sade ao papel da mulher na sociedade de seu tempo, em representar na realização do projeto libertino a figura da jovem que se opõe radicalmente à irmã, Justine, reflexo da sociedade da época e dos preceitos morais aos quais Juliette se opõe na própria narrativa.

1 O ESPÍRITO LIBERTINO

Como ponto de partida, consideramos em Juliette sua inclinação para a libertinagem, descrita ainda no início de *História de Juliette* por ser: “dotada de um temperamento mais ativo...” (Sade, 1987a, p.54, tradução nossa). Ao se comparar com a irmã, Justine, ela se difere no que compete ao temperamento, o qual lhe permite ser instruída na libertinagem e realizar o seu intento. Juliette, se estivesse no *boudoir* descrito em outra obra de Sade, *A Filosofia na Alcova*, no momento de leitura¹ do panfleto revolucionário (*Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos*), certamente seria alguém que participaria da leitura sem nenhuma restrição. Efetivamente, o espírito libertino fazia parte de seu ativo temperamento, pois “a libertinagem aparece tanto como uma essência quanto como um processo de transformação” (Delon, 1983, p. 110).

¹ Em *A Filosofia na Alcova*, a partir do diálogo entre a jovem Eugénie, Dolmancé e Saint-Ange, a jovem questiona sobre a necessidade dos costumes em um governo, ao que Dolmancé se refere a uma brochura comprada por ele no Palácio da Igualdade. Trata-se do panfleto: *Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos*, que ele julga responder à questão. No momento da leitura do panfleto, Saint-Ange diz para Augustin sair do espaço da leitura. Sua saída é justificada na mesma obra, quando, no quinto diálogo, ela se refere a ele como aquele que não seria possível educar (Sade, 1998, p. 83).

A oposição natureza / normas sociais e religiosas são necessárias nesse ponto, visto serem as normas o ponto de ruptura dos libertinos de Sade, condição para sua realização efetiva. Assim, “O libertino rejeita qualquer autoridade social ou religiosa que possa ter uma palavra a dizer sobre essas ações. Ele toma emprestado delas apenas as leis que podem ser quebradas, as proibições que devem ser transgredidas” (Delon, 2000a, p. 219, tradução nossa).

Desse modo, o libertino se empenha em provocar veementemente a ordem social, ao passo que enfrenta com a indiferença característica de seu comportamento, a força da natureza imperativa. Talvez seja esse o verbo efetivo do seu agir: *perturbar*, tanto a ordem social como a natureza, a fim de realizar o movimento inerente a matéria.

Para Sade, a natureza é tanto interior quanto exterior: ela age sem pausa e continuamente, sem que o homem possa dominá-la. O homem sempre encontra uma natureza dentro de si mesmo, muitas vezes apesar de si mesmo, descobrindo sua força determinante no julgamento das paixões (Andrieu, 2004, p.11, tradução nossa).

A ideia de uma natureza em si mesma, implica reconhecer a essência, tomada como energia, ao qual permite o êxito libertino, de maneira que, o que difere um indivíduo do outro seria precisamente a dose dela. Ao considerar as manifestações da natureza, ele pode perturbar a ordem, alterando as definições, a fim de colocar em movimento todos os seus elementos. Estando a natureza em permanente movimento, o libertino atua para nunca cessar em suas ações. É assim que o espaço do cláustro também tem seu sentido único na obra, pois não se realiza nele o momento de contemplação e quietude, mas ao contrário, há o movimento incessante de corpos e debates filosóficos que destituem desse espaço o silêncio característico de outrora.

Cumprir discutir como a libertinagem ocorre de maneira exitosa nas mulheres, mas precisamente em Juliette, e a hipótese da presente exposição reside no fato de Sade pensar, antes da questão do gênero, a capacidade em lidar com a própria dose de energia requerida para ser um libertino, fato que ela e suas instrutoras lograram êxito suficientemente. Essa dose de energia seria constituinte de cada um, sem interferência externa. “Assim, a energia torna-se sinônimo de essência; cada corpo no universo é caracterizado por sua própria energia, que contribui para o dinamismo universal e garante a heterogeneidade da matéria”. (Delon, 1988, p.163, tradução nossa). Diante da essência determinante, a liberdade de arbítrio poderia muito pouco, vide as chances dadas à Justine (em um outro contexto) para alterar sua condição e ela permaneceu inoperante. Ademais, em reagir ao intento de normalizar a moralidade, Sade opera

uma inversão dos valores, reforçando que a possibilidade de êxito não poderia residir no bem comum, mas ao contrário, na realização dos interesses individuais. Os acordos em sociedade nem sempre estariam de acordo com a essência humana, por isso deveriam ser enfrentados e combatidos pelo libertino, visto que

As convenções humanas quase sempre promulgadas sem a sanção dos membros da sociedade, detestadas por nossos corações... contraditórias ao senso comum: convenções absurdas, que só são reais aos olhos dos tolos que estão dispostos a se submeter a elas, e que só são objetos de desprezo aos olhos da inteligência e da razão. (Sade, 1987b, p. 60, tradução nossa).

Na medida em que aumenta sua degradação do ponto de vista da moralidade, Juliette realiza o intento libertino em um egoísmo exacerbado que justifica suas ações, sem perder de vista a natureza e a gama de diversidade e fenômenos, de onde tomar as convenções morais como aparato de normalidade alteraria o curso, incitando para seu êxito convenções como absolutas, quando no mínimo seriam, temporais e destinadas ao seu local.

É assim que Sade: “recusando a ordem clássica em nome de um passado sonhado, a partir da confusão de gêneros e níveis de linguagem, do próprio burlesco como espaço de liberdade perdida”. (Goulemot, 2004, p. 212-213, tradução nossa). Certamente que o espaço fechado lhe permite alcançar a liberdade perdida na figura de uma nova mulher, que realiza efetivamente o projeto do livre pensar e do livre agir, em adequar seus interesses ao mundo que lhe aflora aos olhos.

2 A MULHER LIBERTINA: JULIETTE

Juliette como a representação da mulher libertina na obra de Sade, se aproxima da mulher dotada de razão e livre, descrita anos antes na obra *As Ligações Perigosas* (1782), de Choderlos de Laclos. Nessa obra emblemática, encontramos uma mulher que realiza o projeto libertino tendo em vista seu espírito liberto das amarras e dotada de um alto grau de razão a fim de atender aos seus propósitos. A personagem de Laclos, Mme de Merteuil, logra êxito na narrativa, ao passo que demonstra a capacidade da mulher, dessa nova mulher, em comparação à mulher no antigo regime, representada pela submissão e inferioridade. Eis um ponto de confluência entre as personagens, em subverterem a ordem social em serem as condutoras principais das ações. Com elas, encontramos o protagonismo da mulher na narrativa como força ativa, somado ao seu poder decisório e espírito livre.

Juliette é uma das poucas mulheres na literatura francesa a ser digna de Mme de Merteuil em termos de beleza e energia. (...) Ao estudar as relações entre os personagens por si só, sem qualquer referência à realidade social ou econômica, podemos definir a filosofia ou, mais precisamente, a metafísica subjacente ao movimento, à estrutura e ao significado de cada um dos dois romances” (Biou, 1968, p. 103, tradução nossa).

O mesmo mundo das personagens, salvo evidentemente as diferenças entre elas, demonstram a mulher realizando o projeto libertino nas narrativas. “Os heróis e heroínas de Laclos são seres vivos e inesquecíveis; os de Sade são fantasmas, sombras. Melhor dizendo, são conceitos” (Paz, 1999a, p. 103). Em ambas, a mulher libertina, o espírito livre e calculista empreende êxito em seus propósitos, eis o caminho que as personagens percorrem. “Com efeito, a libertinagem não é um fim em si, mas um meio de ação sobre o mundo e uma maneira de aumentar desmesuradamente a própria consciência de ser” (Trousson, 1996b, p. 173). Em Sade, Juliette realiza a libertinagem a partir de seu processo formador e no sucesso resultante dele no decorrer de sua vida. Ela é descrita para além dos papéis atribuídos à mulher: o cálculo característico do libertino a permeia veementemente. Na obra de Laclos, a libertinagem ocorre de maneira audaciosa, demonstrando a inteligência e lucidez de Mme de Merteuil² para alcançar seus objetivos. Essa libertinagem subverte uma ordem estabelecida, pois, “Desde o início, a libertinagem feminina revela uma verdade que vai contra o lugar comum: a posse física não dá poder, no máximo dá uma impressão estimulante de poder e imita o poder” (Jaton, 1983, p. 158). Ademais, a força estaria efetivamente na capacidade intelectual em lugar da imposição social e física: a inteligência a serviço da prosperidade.

A partir dessa breve alusão a libertinagem na obra de Laclos, voltemos a Juliette e as razões pelas quais ela subverte a ordem estabelecida realizando a libertinagem

Anne le Brun descreveu que Sade escreveu três Justines para uma Juliette, em uma lógica que define Juliette explicitamente como a negação de sua irmã. Junte-se a o fato dela ser descrita sem os papéis atribuídos à uma mulher. Reside nisso o engenho de tomar a grande libertina, uma mulher atípica, sendo ela a atribuir sentido a si mesma, sem seguir nenhum papel prescrito.

Essa é a fonte do milagre de Juliette, que, ainda uma garotinha, rejeita todos os papéis femininos - filha, mãe, esposa, prostituta - com uma selvageria, uma alegria e um humor que parecem fazer parte de um instinto longe de ser possuída por aqueles que

² Anne Le Brun (2006a, p. 132, tradução nossa) chama a atenção para a ideia de uma heroína imoralista não ter sido uma novidade, mencionando a Mme de Merteuil de *As Ligações Perigosas*, que aparece em 1782, com “o coração de gelo que segura o cristal negro”. Ao tratar da libertinagem feminina, Michel Delon (2000b, p.281, tradução nossa) se refere a Mme de Merteuil como alguém que “talvez seja o exemplo mais marcante da libertinagem feminina”.

a precederam no crime, assim como seus companheiros de devassidão (Le Brun, 2006b, p. 139).

Sua realização, na condição da *nova mulher*, a mulher moderna, lhe confere o estatuto de operar em acordo com os próprios interesses somente, sem adequar os mesmos ao bem comum, pois é uma mulher destituída dos atributos comumente esperados que ela tenha. Ademais, em ser senhora de si mesma, Juliette empreende o projeto de uma mulher emancipada e portanto, à frente de seu tempo que, em se opor radicalmente à sua irmã Justine, permanece atrelada à ela até o fim de sua existência, ao lograr êxito nos propósitos, pois seria somente com a vítima que o carrasco sadiano poderia se fazer ser e existir, permitindo o contraponto que reforça o êxito libertino em detrimento do sofrimento da vítima.

Qual a razão de Juliette ser uma mulher? Eis a pergunta feita por Anne Le Brun em seu ensaio sobre ela. Se é possível corroborar com mais uma questão sobre a justificativa de Sade colocar na figura de uma mulher a heroína que realiza efetivamente o projeto libertino, no mesmo ensaio, Le Brun trata do esforço em reconhecer que o desejo não teria sexo. Ora, e porquê não poderia ser uma mulher, Juliette? Nesse aspecto, reside também a inversão dos valores e lugares comuns operados por Sade, visto que seria oportuno para a época tomar um homem como o libertino, a alterar a ordem estabelecida como o herói que desbrava o novo mundo diante dos olhos. O que podemos encontrar efetivamente é que o espírito libertino se perfaz independente do sexo, muito mais atrelado a energia e ao temperamento humanos do que ao fato de serem homens ou mulheres. Na sociedade libertina descrita em *História de Juliette*, a figura que se impõe é a da mulher. A singularidade de Sade soa infindável.

Seus libertinos, ao contrário dos heróis românticos, não são atraentes. Outro extremo: sobre estes príncipes do mal não reina um homem, mas uma mulher. O mal, para ser belo, deve ser absoluto e feminino – a beleza de Juliette se alia à depravação moral mais completa. Já se disse que a história de Juliette é a de uma iniciação; poderíamos acrescentar que é a de uma ascensão. Juliette encarna a filosofia, não o instinto; com ela não triunfam as paixões, o crime sim. Mas as vitórias da filosofia também são ilusórias (Paz, 1999b, p. 77).

A instrução recebida por Juliette faz emergir nela a libertinagem latente, ao passo que justifica sua predisposição, por isso, o processo de instrução ocorre de maneira *natural* e exitoso nela. O requisito para sua formação, o ponto de partida estaria em si mesma. A partir de então, no espaço fechado junto de outras mulheres, a personagem Delbène tomou o seu intento educativo:

Eu quero me encarregar da sua educação, quero dissipar nela, como o fiz contigo, as infames influências religiosas que turvam toda a felicidade da vida, quero reencaminhá-la para os princípios da natureza e lhe fazer compreender que todas essas falsidades com que lhe fascinaram o espírito não merecem mais que o desprezo (Sade, 1987c, p.57, tradução nossa).

Era imperativo destituir do entendimento as imposições da religião, como os espinhos a serem retirados para o melhor uso da razão. A realiação libertina seria resultado também dessa alteração, da ruptura com a religião a fim de deixar o espírito *limpo* para a realização filosófica, ao considerar que diante da natureza não haveria nenhuma proibição.

Reversão, inversão, o importante é que Sade subverte a ordem estabelecida, a fim de demonstrar na libertinagem de Juliette e suas companheiras, o êxito da mulher sem nenhuma relação de dependência ou inferioridade. Essa *nova mulher*, em comparação com Justine (a mulher antiga) em alterar a ordem e romper com as convenções sociais que atribuem à mulher o lugar de virtude e pureza. “O princípio educativo é assim reinscrito, mas com uma nuance crucial: Juliette atinge o posto de instrutora numa hierarquia feminina. Mais uma vez, dentro da atmosfera igualitária da utopia sexual, a diferença prevalece” (Miller, 1995, p. 217, tradução nossa).

No período destinado a sua instrução, as mulheres estão reunidas no confinamento. A formação de Juliette ocorre nesse espaço, tão rapidamente logrando êxito no propósito ao passo que fortalece a união entre elas e a maneira de como podem se realizar. A libertinagem ocorre em sua completude, a partir do momento formador, que considera para tanto as manifestações de seu temperamento, demonstram a libertinagem na mulher e justamente naquela que leva ao extremo o ímpeto do interesse individual. Cumpre enfatizar que a instrução de Juliette ocorre pelas mãos de uma mulher, assim como com a instrução de Eugenie em *A Filosofia na Alcova*. Sade efetivamente subverte a ordem estabelecida, colocando na figura da mulher o papel da formação das ideias libertinas, da liberdade diante as imposições morais e religiosas. Sade coloca o protagonismo da mulher na voz dela mesma para realizar a filosofia e seu papel de tudo dizer.

Em Juliette, quem fala efetivamente, responde pelo gênero de *ela*. Essa reflexão é importante, pois depreende que em Sade não há papéis atribuídos ao homem e a mulher, enquanto indivíduos sociais e suas representações. A fala na mulher altera uma condição imposta de seu silêncio de outrora.

A única razão pela qual Sade ainda assim se baseia na figura feminina de Juliette é que ela permite que ele estabeleça, com evidências incontestáveis, que a questão da liberdade surge fisicamente, e até mesmo que ela é indistinguível da questão do corpo (Le Brun, 2006c, p. 142, tradução nossa).

No confinamento das libertinas no início de Juliette podemos perceber que a figura masculina está ausente naquele momento, ao demonstrar como elas podem realizar o processo formativo entre si. Desse modo, a diferença sexual, imperativa no convívio social é alterada, dando lugar a um grupo onde a libertinagem foi tornada a lei.

No universo sadiano só uma mulher pode expressar todo o orgulho e devoção com que serve a sua paixão: o amar as mulheres. Os libertinos admitem e encorajam isso, como um elemento de libertinagem, como prova de corrupção e como demonstração de uma mente filosófica (Thomas, 1995, p. 258-259, tradução nossa).

Esse aspecto da libertinagem permite que as mulheres reunidas no processo formador de Juliette pudessem lograr êxito, pois demonstra que não haveria a necessidade do diferente naquele momento. Sade descreve seres distintos ao longo de toda sua obra, corroborando a diversidade característica da natureza, no esforço em destituir neles a diferença que pudesse irromper em força. É assim que a libertinagem se efetiva enaltecendo a essência e o sentido que o libertino atribui ao próprio corpo.

CONCLUSÃO

Para terminar esse percurso e lançar uma contribuição aos estudos sobre a obra do Marquês de Sade, buscamos demonstrar como a libertinagem ocorre na mulher, tomando no texto precisamente Juliette e de como ela apreende a libertinagem em sua mais alta eficácia, ainda que tenha como ponto de partida e de chegada o mesmo lugar: o espaço fechado. Qual a coerência? O movimento circular operado pela obra de Sade corrobora a tese de que no espaço fechado se realiza o ímpeto libertino, ademais, o espaço da sociedade compreende condição para a oposição libertina, onde Juliette confronta os valores a fim de atingir seus próprios objetivos.

O mundo exterior lhe oferece o bem comum e os valores morais e religiosos, ao qual combate de maneira extremamente radical, pois se compreendem como impedimentos ao livre curso da libertina. Os obstáculos para a sua efetiva realização estariam nos elementos que contrariam a sensibilidade humana: as convenções sociais, os valores religiosos e a normalidade importa.

O paralelo permanente com os valores morais representados na figura da sua irmã Justine, permite a Juliette nomear os inimigos da sua realização enquanto libertina. Levando ao extremo a liberdade de seu espírito, pôde levar ao último ponto o ímpeto de uma razão emancipada.

A virtude se torna ilusão e a lucidez libertina avança até o limiar do conhecimento possível ao homem, sujeito aos ritmos repetitivos de seu corpo e ao eterno recomeço do desejo. *A História de Juliette* é escrita no limite do esquecimento, equilibrando-se no limite do nada e do silêncio. (Delon, 2000c, p.221, tradução nossa).

A virtude como ilusão e inimiga da realização libertina, em ser combatida com as digressões filosóficas, permite pensar o lugar do mal no pensamento humano e seus entraves na dualidade operante do egoísmo e o bem comum. O contraponto que Justine oferece à Juliette fortalece sua essência enquanto ser diverso e obra da natureza, somente ela, entre as irmãs, poderia realizar o projeto libertino.

Em subverter a ordem estabelecida, sua obra demonstra serem os preceitos morais e religiosos transitórios e, portanto, frágeis diante da força da natureza. A negação das convenções sociais, alvo permanente de confronto, permite a libertina uma filosofia de combate e sem imposições. Ademais, sua relação com a natureza, em buscar lhe perturbar dando sentido às suas evidências: do movimento dos corpos no período da formação à apatia característica do libertino que incorre à filosofia do tudo dizer para então efetivar o seu projeto.

Em lugar da ideia, a prática libertina demonstra a materialidade operante na natureza. Em Juliette encontramos o processo formador, no espaço fechado, e em seguida seus efeitos quando de seu convívio social, onde se evidencia a força do interesse individual diante de uma sociedade que com suas convenções, depreende verdades alheias a natureza. “Sade, vítima do poder burguês, não tem nada a perder: ele leva seu pensamento às últimas consequências. Sua negação é radical e, no lugar da sociedade, ele reconhece apenas o indivíduo, agitando-se no caos dos antigos valores virados de cabeça para baixo” (Flake, s.d., p.82, tradução nossa).

Juliette, em realizar a libertinagem feminina, demonstra que a obra de Sade não se finda em uma única classificação. Ao colocar na boca de uma mulher o êxito libertino e também nas vozes das instrutoras / formadoras, delega um papel à mulher que a permite ser a voz da filosofia no processo. Se a filosofia *deve tudo dizer*, com podemos ler ao final da narrativa, o *tudo dizer* é realizado por ela: a jovem ambiciosa e com energia em alto grau que lhe permitiu ser instruída em um curto espaço de tempo, ter acumulado riquezas, demonstrando as prosperidades da vida libertina, se realizado em acordo aos próprios interesses, encarnando a força da natureza que determina a diversidade de seres que podem questionar a ordem social e religiosa, ao passo em que a considera enquanto causa de suas obras.

REFERÊNCIAS:

- ABRAMOVICI, Jean-Christophe. “Libertinage”. **Dictionnaire Européen des Lumières**. Delon, Michel (direction) Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- ANDRIEU, Bernard. **Le seul crime réel de l’homme serait de troubler l’ordre de la nature** – Sade. Nantes: Pleins Feux, 2004.
- BIOU, Jean. **Deux œuvres complémentaires: Les Liaisons dangereuses et Juliette**, Le Marquis de Sade. Paris: Armand Colin, 1968.
- DELON, Michel. Sade Thermidorien. **Coloque de Ceresy: Sade, écrire la crise**. Paris: Belfond, 1983.
- DELON, Michel. **L’idée d’énergie au tournant des Lumières (1770-1820)**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- DELON, Michel. **Le Savoir-vivre Libertin**. Paris: Hachette, 2000.
- FLAKE, Otto. **Le Marquis de Sade**. Traduction par Pierre Klossowski. Paris: Bernard Grasset, s.d.
- GOULEMOT, Jean Marie. De la Parodie et des Marges. **Les marges des Lumières Françaises (1750-1789)**, Masseau, Didier (direction). Genève: Droz, 2004.
- JATON, Anne-Marie. Libertinage féminin, libertinage dangereux. René Pomeau (ed.). Laclos et le Libertinage – 1782-1982. **Actes du Colloque du Bicentenaire des Liaisons Dangereuses**. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.
- LE BRUN, Annie. **Pourquoi Juliette est-elle une femme?** On N’Echaîne pas les Volcans – Essais. Paris: Éditions Gallimard, 2006.
- MARTY, Éric. **Pourquoi le XXe siècle a-t-il pris Sade au Sérieux?** Paris: Éditions du Seuil, 2011.
- MILLER, Nancy K. Gender and Narrative Possibilities. In: ALLISON, David B et all (editeurs). **Sade and the narrative of transgression**. New York: Cambridge University Press, 1995.
- PAZ, Octavio. **Um mais além erótico: Sade**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Editora Mandarim, 1999.
- SADE, MARQUIS. **Histoire de Juliette**. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1987.
- THOMAS, Chantal. Fantasizing Juliette. In: ALLISON, David B et all (editeurs). **Sade and the narrative of transgression**. New York: Cambridge University Press, 1995.
- TROUSSON, Raymond. Romance e Libertinagem no Século XVIII na França. In: NOVAES, Adauto (org.). **Libertinos libertários**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.